

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

ELISÂNGELA LUIZA PRETTO

DISCIPLINA E AUTORIA: A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA ESCOLA

Porto Alegre

2015

ELISÂNGELA LUIZA PRETTO

DISCIPLINA E AUTORIA: A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português e Espanhol, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Doutor Arcanjo Pedro Briggmann

Porto Alegre

2015

Elisângela Luiza Pretto

DISCIPLINA E AUTORIA: A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português e Espanhol, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a. Monica Nariño Rodriguez

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Examinadora

Prof. Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre foi, para mim, uma ação muito importante e necessária. Não poderia chegar até aqui e deixar de mostrar minha gratidão, uma vez mais...

Aos meus pais, que colocaram meu estudo em primeiro lugar, acima das próprias necessidades, e que nunca pararam de me incentivar a melhorar e a seguir lutando. Minha mãe, Aldair, que atendeu todos os telefonemas desesperados, que soube lidar com a minha constante necessidade de carinho, com os choros de saudade, com os medos que enfrentei ao chegar à cidade grande. Meu pai, Renato, que garantiu que nunca me faltasse nada e que sempre demonstrou seu orgulho e carinho por mim. À minha irmã, Renata, que sempre me animou para seguir e alcançar meus objetivos.

Ao orientador deste trabalho, professor Arcanjo Pedro Briggmann, pela inspiração que exala, por ser um grande exemplo de ser humano e por ter aceito a missão de me guiar neste estudo. Sou muito grata pelas reflexões, pelos questionamentos, pelas conversas e por todo o auxílio e a dedicação.

Ao meu namorado, Guto, que me encorajou a mudar de cidade e estudar em uma universidade federal, que me ensinou a ser persistente e não desistir quando algo dá errado, que apesar da distância não permitiu que o amor e o carinho se esvaíssem.

Às minhas amigas Aline, Leticia, Marília, Malu, Rafaella, Thiany, Camila, Nati, Andy e Nathi, minhas irmãs, companheiras, que nunca deixaram de me apoiar e incentivar, que estão sempre presentes, apesar da distância.

À professora Monica Nariño por incentivar a docência, por estar disposta a ir além, sendo amiga e conselheira, sempre pronta para ajudar no que puder.

À família Cabral pelo suporte, por me acolherem com tanto amor e por sempre me receberem com bom humor, oferecendo-me um espaço de carinho e bem-estar.

Aos que cruzaram meu caminho durante estes cinco anos de academia e que me ajudaram de alguma forma a não desistir, a seguir buscando meus objetivos e traçando metas pensando sempre na educação.

A todos vocês a minha eterna gratidão!

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema pensar a escola enquanto instituição formadora de sujeitos, conscientes de si, do outro e do mundo ao seu redor. Tem como objetivo estabelecer que a disciplina e a autoria, em conjunto, efetivam a afirmação do sujeito e de sua subjetividade. Busca-se, dessa forma, mostrar o benefício de se trabalhar a questão da disciplina no espaço escolar e o quanto o entendimento desta proporciona a construção de um sujeito autônomo, que se autoriza, que assume sua palavra. Para que seja possível entender a posição dos professores em relação ao tema, um questionário foi elaborado e aplicado a diversos docentes. Suas respostas propiciaram uma visão do que pensam e como agem os educadores ante a questão de disciplina e indisciplina na escola.

Palavras-chave: disciplina; autoria; sujeito.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de grado tiene como tema pensar la escuela en cuanto institución formadora de sujetos, conscientes de sí, del otro y del mundo que les rodea. Objetiva establecer que la disciplina y la autoría, en conjunto, confirman la afirmación del sujeto y de su subjetividad. Se busca, de esta forma, mostrar el beneficio de trabajar la cuestión de la disciplina en el espacio escolar y cuánto el entendimiento de esta proporciona la construcción de un sujeto autónomo, que se autoriza, que asume su palabra. Para que sea posible entender la posición de los profesores en relación al tema, un cuestionario fue elaborado y aplicado a diversos docentes. Sus respuestas propiciaron una visión de lo que piensan y cómo actúan los educadores frente a la cuestión de la disciplina e indisciplina en la escuela.

Palabras-clave: disciplina; autoría; sujeto.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DISCIPLINA E AUTORIA	13
3. COMO OS EDUCADORES LIDAM COM A QUESTÃO DA DISCIPLINA/INDISCIPLINA	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5. REFERÊNCIAS	28
6. ANEXO	29

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo pensar a escola enquanto instituição que visa formar sujeitos. A partir disso, concentrarei a atenção na relação entre a disciplina e a autoria no espaço escolar, buscando mostrar o quanto elas juntas podem se constituir como afirmação do sujeito e de sua subjetividade. Para tanto, se faz necessário conhecer melhor a questão da disciplina em sala de aula e como ela influencia na aprendizagem dos estudantes e na constituição de um indivíduo autônomo.

O meu interesse por essa relação entre disciplina e autoria é recorrente há algum tempo, desde o ensino fundamental, mais precisamente, época em que recebia críticas desanimadoras acerca de minhas produções textuais. Eu gostava muito de escrever, de transmitir meus pensamentos e sentimentos através das palavras; no entanto, certa vez, ouvi de uma professora a seguinte frase: “Tu não tens licença poética para escrever dessa forma”. Afirmações como essa me faziam perder a coragem e o ânimo de colocar no papel minhas reflexões. O medo da censura fazia com que eu me sentisse insegura para expor minhas considerações, pensando, com frequência, que eu estaria errada, que seria condenada pelo professor. Não entendia por que devia seguir um padrão, um disciplinamento, se os autores que eu lia não eram obrigados a seguir e eu também queria ser autora, queria ser como aqueles que lia. Além do mais, não compreendia o motivo da regra, daquele formato que estava sendo imposto, ou seja, não sabia por que deveria segui-la.

Na academia, identifiquei-me com as aulas ministradas na Faculdade de Educação, uma vez que neste espaço é valorizada a condição do aluno como ser humano e pensante, capaz de refletir e ser autor dos seus próprios pensamentos. Em contrapartida, nas disciplinas da Letras, por diversas vezes, deparei-me com uma preocupação excessiva em relação ao objeto de estudo, deixando, assim, o aluno (que é o sujeito do aprendizado) em segundo plano. Dessa forma, ao longo das aulas de algumas matérias cursadas, as bibliografias e reflexões, bem como os debates, despertaram o desejo de trabalhar com assuntos referentes ao ensino e à relação entre professor e alunos no espaço escolar. Os textos que me interessavam verdadeiramente eram aqueles que traziam os alunos como pessoas, nos quais o autor mostrava se importar com eles, como seres humanos que podem errar e acertar, que têm uma bagagem repleta de vivências. Ou seja, os temas que apresentavam preocupações com o sujeito da aprendizagem me cativavam vigorosamente.

Dentre tais, encontram-se a disciplina e a autoria que se preocupam com o sujeito em suas relações e não apenas com o objeto da aprendizagem. Assim, acredito que o bom professor é aquele que não apenas conhece a matéria que vai ensinar, mas também o aluno que vai aprendê-la, pois é da capacidade ou incapacidade de fazer essa mediação que depende o sucesso ou fracasso daquele que ensina. Lembro-me com satisfação das aulas do professor Antônio Sanseverino na disciplina *Seminário para o ensino de literatura brasileira*, o qual conduzia muito bem as discussões das relações entre o objeto e o sujeito da aprendizagem. Um exemplo marcante, dentre muitos outros, foi a obra *Como um romance* de Daniel Pennac, na qual é possível perceber o sujeito, notar que o leitor (aluno) tem suas necessidades, vontades, desejos e expectativas e que elas podem ser levadas em consideração pelo professor. Preocupar-se com os interesses do estudante pode fazer com que o professor invista de forma mais efetiva na criação do gosto pela leitura, da fruição e, conseqüentemente, da autoria.

É imprescindível, na posição de professor, pensar no aluno como pessoa, pois a escola é feita para ele, para que ele se torne sujeito, cidadão soberano. Para tanto, os componentes da instituição escolar devem entender que os discentes são pessoas, são seus semelhantes. Há fases difíceis da adolescência que todos já vivemos, porém muitas vezes nos esquecemos disso e encaramos o aluno como um ser desequilibrado e inconsequente. O professor tem um papel difícil a desempenhar, uma vez que é necessário ser compreensivo e ao mesmo tempo tentar explicar o papel da disciplina e os benefícios que ela traz.

Para entender melhor essa questão é interessante atentar à etimologia da palavra *disciplina*, termo que, em Latim, significa “conhecimento, instrução, matéria a ser ensinada” e está relacionada à palavra *discipulus* que significa “aquele que aprende, aluno”. Com o passar do tempo foi surgindo um outro significado para o termo inicial: conjunto de regras de comportamento e de procedimento. Isso indica que atualmente o termo indisciplina está associado à ruptura de um ordenamento do sujeito ou do grupo.

Durante a leitura da obra *Como enfrentar a indisciplina na escola*, de Silvia Parrat-Dayan, em Estágio de Docência em Língua Portuguesa II, o tema se mostrou ainda mais atrativo, devido às reflexões feitas pela autora. Utilizando-se de Jean Piaget, Parrat-Dayan analisa a influência da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento emocional e moral dos alunos. A autora explica que os estudantes com

baixo desempenho se sentem excluídos do processo, além de serem submetidos a crenças alheias que não fazem parte de suas realidades. Se não bastasse o já citado, muitas vezes os professores se utilizam de uma pedagogia diretiva, comunicando-se violentamente e explicitando que não acreditam que os aprendizes tenham capacidade de evoluir. Esses alunos creem, dessa forma, estarem sendo submetidos às crenças dominantes impostas por autoridades exteriores; então, não entendendo a razão da regra, se rebelam contra o *status quo*. A indisciplina se mostra, assim, como uma não compreensão e não aceitação da regra.

Atuo como professora na educação básica há apenas três anos, tempo suficiente para descobrir que quero formar sujeitos autônomos. Através de uma breve reflexão de como me tornei quem sou atualmente, corroboro esse desejo: me tornei quem sou, primeiramente, através do respeito que tenho pelas outras pessoas. Houve um período durante a escola em que fui muito submissa, pois, dadas as circunstâncias, eu acreditava que o melhor seria baixar a cabeça e aceitar o que os professores e colegas me diziam. Eu acreditava cegamente neles e deixava de acreditar em mim. No entanto, com o passar do tempo, comecei a perceber que era importante expor meu pensamento, defender meus ideais, de modo que me tornei a líder da turma e discursava perante meus colegas. Naqueles momentos eles me odiavam, mas eu sabia que meus discursos eram significativos e tentei não levar como um defeito o apelido de “certinha”. Eu sempre defendi as minorias (talvez porque me sentia incluída nelas) e ainda me dói quando escuto pessoas menosprezando as outras por atitudes que elas não tiveram a oportunidade de tomar ou características as quais elas não têm como mudar. Não gosto, no geral, de quebrar as regras que estão estabelecidas para todos e regulam o funcionamento do espaço. Hoje percebo que me tornei quem sou porque decidi ser autônoma, decidi assumir minhas ideias, expressar minhas convicções e aceitar que existe o outro, que ele também tem seus princípios. E, realmente, só atingi isso por entender que ser “certinha” (disciplinada) não fazia de mim menos independente, fazia de mim uma rebelde com causa e com uma importante arma para defender minhas lutas: a autoria.

Jean-Philippe Faure em seu livro *Educar sem punições nem recompensas* resume, no seguinte trecho à página 53, o papel dos professores: “Contribuímos para que eles [estudantes] se tornem membros ativos da sociedade, ou seja, cidadãos perturbadores”. É necessário, para tanto, fornecer ferramentas aos alunos, com a intenção de que se apropriem de seus pensamentos e se sintam seguros para externalizá-los. Com a ajuda de

uma pedagogia não-diretiva e da Comunicação Não Violenta¹, ideais que pregam o respeito mútuo entre professor e aluno, em contraposição ao que foi abordado anteriormente, educadores e educandos irão conviver de forma mais serena, aberta ao aprendizado bilateral com possibilidade de construção de autonomia e subjetividade.

Ernani Maria Fiori, no prefácio² da obra *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, afirma que “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana” (p. 7) condição que diz respeito ao poder de reflexão, de tomada de consciência de si. A autoria transparece tal entendimento, ou seja, para ser autor é necessário ter autoconsciência e ela ocorre após um processo de subjetivação. As crianças antes de serem escolarizadas, por exemplo, possuem um grau elevado de subjetividade, de modo que transmitem suas percepções como bons autores. À medida em que vão passando os anos e elas vão sendo escolarizadas, acabam sendo desapropriadas de suas palavras. Estar submetido a diversas regras que não fazem sentido para a criança gera a indisciplina, que é um sinal de que o aprendiz não tem espaço suficiente para elaborar suas convicções.

Debater com os estudantes acerca das regras que seguimos todos os dias, por diversos motivos, e elaborar em conjunto o regulamento da sala de aula, por exemplo, fará com que eles entendam a necessidade de existirem tais normas. Respeitar o espaço do outro e cooperar para uma convivência harmônica não é ser submetido, é entender que algumas regras possibilitam o funcionamento dos grupos e ambientes dos quais se faz parte. Elas, então, passam a ter sentido e função.

Parrat-Dayan esclarece que

A disciplina é importante no ambiente escolar não para haver um controle sobre os estudantes, mas como um elemento para facilitar as relações interpessoais e o processo de aprendizagem. E assim deve ser construída com os alunos.³

Assim, a escola deve construir com o aluno as dimensões da democracia, esclarecendo a diferença entre ser subordinado e ser emancipado, sabendo que a condição do segundo também se refere ao respeito recíproco e à consciência de que não vivemos sozinhos, mas em companhia de semelhantes, também sujeitos soberanos, que em conjunto optamos por aceitar o regramento que nos possibilita alcançarmos nossos objetivos.

¹ Conceito desenvolvido pelo psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg.

² O prefácio é intitulado *Aprender a dizer a sua palavra*.

³ Trecho disponível no site <http://gestaoescolar.abril.com.br/comunidade/silvia-parrat-dayan-fala-indisciplina-escola-623809.shtml>

Uma educação baseada somente em códigos disciplinares, em que o professor oprime o aluno e não permite que ele se aproprie do sentido dos códigos e se manifeste, forma sujeitos submetidos, domesticados, que não irão expor suas vontades e opiniões. Sem apropriação do sentido e da função do regramento, o aluno passa a ver a disciplina apenas como uma limitação à sua liberdade. E sua resistência se manifesta muitas vezes de forma agressiva, irracional e anárquica.

Precisamos construir um espaço de ensino-aprendizagem horizontal, no qual deve haver respeito mútuo entre aprendizes e professores, ponto importante de uma pedagogia não diretiva. A intenção não é que o aluno não tenha limites, mas que ele saiba a importância de se ter regras, condição necessária para que cada um e todos alcancem seus objetivos. Assim, a disciplina se torna norteadora e não um empecilho para a aprendizagem, expressão e realização dos sujeitos.

Um sujeito assim está pronto para se tomar nas próprias mãos, perceber-se e portar-se como sujeito de seus pensamentos e de suas ações. Na obra *El valor de educar*, Fernando Savater faz diversas reflexões acerca do tema e nos traz, na página 24, uma interessante opinião de Juan Delval que mostra a importância de uma aprendizagem não apenas focado no objeto, mas também no sujeito e na construção da sua autonomia:

Según opinión de Juan Delval, «una persona capaz de pensar, de tomar decisiones, de buscar la información relevante que necesita, de relacionarse positivamente con los demás y cooperar con ellos, es mucho más polivalente y tiene más posibilidades de adaptación que el que sólo posee una formación específica».⁴ (DELVAL, 1990 apud SAVATER, 1997)

⁴ Tradução da autora: “Conforme opinião de Juan Delval, «uma pessoa capaz de pensar, de tomar decisões, de buscar a informação relevante que precisa, de se relacionar positivamente com os demais e cooperar com eles, é muito mais polivalente e tem mais possibilidades de adaptação que o que apenas possui uma formação específica»”.

2. DISCIPLINA E AUTORIA

A disciplina, em sua concepção, pode ser dividida em dois âmbitos: um que se refere às regras de comportamento e outro que diz respeito ao regramento de áreas do conhecimento. O primeiro trata de gerenciar as atitudes físicas e comportamentais do sujeito, enquanto o segundo regula conteúdos, metodologia, linguagem, áreas e âmbito dos saberes.

Pensando na disciplina comportamental, sabemos que a sociedade é disciplinar, posto que vivemos sob regras, as quais devemos seguir para manter a boa convivência entre todos. Historicamente, é possível perceber que todas as civilizações se basearam em diretrizes que foram mudando ao longo do tempo, mas que nunca deixaram de existir. Sabemos que os códigos disciplinares fazem parte do processo civilizatório, ou seja, todas as culturas e civilizações elaboraram os seus. O *Código de Hamurabi*, por exemplo, era um conjunto de 281 leis que regia a primeira dinastia babilônica, em meados do século XVIII a.C e baseava suas punições na lei de talião: olho por olho, dente por dente. Um pouco mais adiante, em torno de 1500 a.C, foi escrito o *Código de Manu*, legislação que ainda hoje gere a civilização hindu. Outro exemplo a ser considerado são os cinco livros da Torá, que foram redigidos em torno do ano 450 a.C, os quais constituem o texto central do judaísmo e ditam os princípios que regem as ações desse povo. Considerando estes fatos históricos, entendemos que os povos nunca deixam de elaborar regimentos. Assim sendo, as codificações criadas no mundo ocidental são um reflexo dos antigos códigos e, quanto a isso, sabemos que estes são a fixação em palavras de práticas reiteradas de comportamento e que há uma punição àqueles que não os cumprem. É necessário entender que a regra tem caráter prescritivo (“dever-ser”), já a regularidade é o que acontece constantemente (“ser”), assim, a sociedade, principalmente a formada pela elite, transforma a segunda na primeira: quem tem prestígio político e econômico determina o que é certo e errado. Muitas vezes o “ser” passa a “dever-ser” porque a regularidade foi infringida e sabemos que, se algo não está proibido, está automaticamente permitido.

Algumas normas são estabelecidas, como já dito, para que o convívio seja possível; no entanto, há outras que têm a intenção de oprimir os sujeitos, impedindo-os de externar suas convicções. A escola muitas vezes acaba se utilizando deste segundo tipo de preceito, o que acarreta na formação de sujeitos submissos ou revoltados. Assim, entendemos que os

indivíduos podem agir de diferentes formas frente às regras que lhes são impostas, são elas: a submissão, a indisciplina ou a compreensão.

Ser submisso significa subjugar-se, ser obediente, acatar ordens sem questioná-las. Dessa forma, compreendemos que esses alunos não têm consciência da posição que estão assumindo, apenas se submetem à hierarquia imposta no espaço escolar. Recordando Parrat-Dayan (2012), o autoritarismo, sistema em que o professor se utiliza de uma pedagogia diretiva à base do medo, acaba tornando os sujeitos submissos, inibindo a participação dos mesmos e, assim, retardando uma formação autônoma.

Além disso, pensando na indisciplina, apreendemos que ser indisciplinado significa desobedecer às normas, rebelar-se de alguma forma contra o sistema; contudo não significa que o sujeito tenha consciência dos motivos que o levam a ser insubordinado. Quase sempre ela é resultado do não-entendimento da importância das regras. Esse problema, acreditamos, se dá pelo fato de que os alunos ou as desconhecem ou não fizeram parte da criação das mesmas, participação que seria essencial para o entendimento do benefício que um regimento pode trazer. Içami Tiba (1996: 117) define a disciplina escolar como “um conjunto de regras que devem ser obedecidas para que o aprendizado escolar tenha êxito. **Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em sala de aula e, conseqüentemente, na escola**” (destaque do autor). Em relação a isso, Xavier (2013) observa que os alunos sentem que somente eles têm deveres, enquanto os professores e membros da administração da escola apenas tem direitos, motivo que fortalece a indisciplina. Outrossim, a posição do professor e as aulas que ele ministra podem caracterizar outro disparador, visto que atividades muito mecânicas ou que fogem da realidade do aluno não são significativas para o mesmo. É importante ressaltar que a indisciplina não se conecta apenas ao ambiente escolar, ela tem raízes também nos ambientes familiar e social; porém, aqui nos deteremos ao espaço educacional, meio o qual, como educadores, podemos tentar transformar.

A compreensão caracteriza a atitude mais independente do sujeito, pois se dá quando ocorre a tomada de consciência do uso da regra como meio de apropriar-se do mundo para seu benefício; ou seja, o aluno entende os motivos pelos quais deve seguir determinada norma e os aceita por compreender que é algo positivo e necessário para o bom funcionamento do grupo. Nesse momento, o estudante entende que a convivência só existe quando um respeita o limite e o espaço do outro. O processo de libertação acontece a

partir do momento em que ele se torna consciente de si mesmo, dos outros que vivem ao seu redor e do mundo que habita; enfim, torna-se sujeito, ser reflexivo e autônomo. Chegar à autonomia é se aproximar da autoria, já que para formar-se autor é necessário que o sujeito entenda suas posições e as assuma, fato que não ocorre enquanto o aluno não tiver consciência de suas atitudes dentro do ambiente escolar.

Não temos a intenção, de modo algum, de pregar a disciplina como submissão. Quando o aluno é capaz de compreender os benefícios de seguir certas normas, ele também vai se tornando apto a entender que algumas regras tem a finalidade de oprimir o indivíduo, disso resultando o discernimento para saber quais delas devem ser seguidas e quais devem ser questionadas e alteradas.

Faure (2008) diz que o papel da escola é, além de construir as regras em conjunto com os alunos, fazer com que os estudantes percebam por que devem seguir tais normas e não ultrapassar certos limites, os quais representam proteção e ajuda também. Dessa forma, deve-se deixar muito claro aos discentes quais são as necessidades por trás das regras, para que não seja estimulado um reflexo de defesa, afinal eles são seres pensantes.

Na sociedade, o “dever-ser” não tem necessariamente a intenção de tolher a liberdade do sujeito, e sim de possibilitar tanto o avanço quanto as realizações de cada um e de todo o grupo. Os limites e leis não significam impedimento; pelo contrário, eles asseguram a continuidade da evolução. Se não existe limite para um, não existe para o outro, de forma que não há continuidade, mas ruptura e anarquia. A letra da lei é opressora, enquanto o espírito dela é libertador. Para que exista um bom convívio social e, além disso, um progresso, é mister que as pessoas compreendam os limites e respeitem o espaço do outro, seus bens e seus direitos. Os jogos (tanto sociais, quanto esportivos), por exemplo, são baseados em regras, e é o respeito a elas que estabelece o vínculo entre os participantes e a razão de acontecer, um exemplo de que a disciplina é autorizadora.

No ambiente escolar é imprescindível esclarecer ao aluno a utilidade de levar uma regularidade a se tornar regra. A partir do momento em que o indivíduo entende que as regras não são necessariamente opressoras, mas, pelo contrário, são elas que possibilitam a realização das ações cotidianas, ele começa a se apropriar dessas ideias. E tal tomada de consciência resultará na possibilidade de se autorizar e de atingir sua autonomia, chegando assim, por extensão, mais facilmente, à autoria.

Parrat-Dayan observa, quanto à criação e imposição de limites na infância, que:

É importante não criar limites gratuitos ou excessivos porque isso age contra a liberdade da criança, contra a sua criatividade, e impede que ela desenvolva sua capacidade de exploração, prejudicando, dessa forma, sua autonomia e seu desenvolvimento (p. 80).

Sabemos que esse ideal não se aplica somente às crianças, mas também aos adolescentes, sujeitos mais conscientes de seu lugar na sociedade, todavia ainda construindo essas ideias. Para que não haja essa gratuidade e excesso presentes nas regras, elas podem ser elaboradas em conjunto com o corpo discente e, conforme as necessidades surgem, podem ser repensadas e refeitas.

Silvia apresenta algumas propostas para tentar mudar a realidade que as escolas vivem em relação ao esclarecimento das normas e à formação do sujeito. Segundo a autora, a escola precisa contar com uma equipe que possa trabalhar com os alunos o tema em questão, o que poderia ocorrer através do uso de programas que façam os alunos refletirem e buscarem soluções ao se depararem com situações problemáticas. Ela ressalta a importância de apresentar fatos externos, que não estejam relacionados à escola para que haja um distanciamento e a possibilidade de ver o problema “de fora” dele. As propostas apresentadas pelos alunos irão ajudá-los a esclarecer e resolver os próprios desentendimentos no futuro.

Outro aspecto que auxilia na prevenção da indisciplina diz respeito às posições dos docentes no ambiente escolar. Deve haver respeito mútuo independentemente da posição hierárquica de cada sujeito. O professor necessita trabalhar claramente com base na democracia e não abusar do poder que lhe é conferido; assim, uma vez que ele já não é o detentor da autoridade, os alunos se sentirão confortáveis para expor seus pensamentos e assumir uma posição cooperativa perante o grupo. Além disso, o corpo docente deve promover o diálogo e a confiança, abrindo espaço para questionamentos e, conseqüentemente, colaborando para a evolução crítica do sujeito. O afeto é imprescindível para melhorar a relação professor-aluno, pois, quando aquele demonstra se importar com este, surge um sentimento de pertença, acarretando menos problemas de desordem. Sentir-se compreendido é importante em todas as fases da vida e é fundamental que o professor consiga manifestar aos seus alunos que se interessa por eles e por suas vivências. Infelizmente, na academia (mesmo nos cursos de licenciatura), quase não se dá importância ao trabalho em equipe, nem se discute muito sobre tratar os alunos com seriedade, como seres humanos.

Saber participar responsabilmente da vida em sociedade, agindo e competindo com outros indivíduos de forma pacífica e racional é ser cidadão, e todo o dito anteriormente colabora para isso. É indispensável que a escola se preocupe em preparar um sujeito cooperador, capaz de avaliar problemas e buscar soluções para os mesmos. O ambiente escolar é composto de relações entre pessoas, e, uma vez que passam muito tempo juntos, os estudantes precisam entender que as regras oportunizam um ambiente saudável, já que para manter o bom convívio é necessário respeitar o espaço e os interesses do outro, consciência que ajuda a formar um cidadão. Direitos e deveres andam juntos, e é primordial que a escola ajude os estudantes a entenderem isso. O direito de falar de um colega é o dever do outro de respeitar fazendo silêncio.

Cooperar é uma palavra-chave no que diz respeito à moral. Trabalhar em equipe é buscar em conjunto o mesmo objetivo, de modo que para obter sucesso se faz necessária a participação e o engajamento de todos os envolvidos. A troca de experiências e ideias proporciona um aprendizado ímpar que resultará em um melhor conhecimento de si mesmo e de como agir quando se está sozinho. Aprender a ouvir o outro e a dizer a própria palavra frente aos colegas são benefícios do trabalho em grupo e levam à cidadania. Uma escola que promove a interação e a cooperação só poderá ser democrática, fonte de autonomia intelectual e moral. E essa é a escola que buscamos construir.

Sabendo que o entendimento é um processo de desconstrução, temos que examinar em conjunto com os alunos a elaboração desses códigos, observar os tijolos que constituem essa construção. No momento em que ocorre tal entendimento, tal observação, o sujeito passa a aderir às regras, a compreender as suas funções e finalidades e aprende que, soberanamente, está escolhendo segui-las, ou seja, não está agindo de maneira submissa.

Ernani Fiori, em *Aprender a dizer a sua palavra*, mostra o processo de alfabetização/conscientização, apresentado por Paulo Freire, com extrema importância quanto à formação do sujeito e, em consequência, do autor. A passagem a seguir trata do uso da palavra como construtor de sujeito, em que ela expressa as experiências e juízos do alfabetizando:

Não se deixará, pois, aprisionar nos mecanismos de composição vocabular. E buscará novas palavras, não para colecioná-las na memória, mas para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar sua história (p. 7).

Faz-nos ver a alfabetização não como uma repetição de sílabas e palavras, mas sim como a criação, através da palavra, da própria cultura, do espaço em que vive. É apropriação e

autoria, uma vez que além de um processo pedagógico, é também antropológico. O homem se transforma e transforma as coisas no momento em que as objetiva, dizendo-as, utilizando-se da palavra para expressá-las e significá-las. Freire e Fiori nos levam a pensar o uso da palavra como uma consciência detentora de poderes imprescindíveis à hominização, em que há criação, elaboração e transformação do mundo, além da assunção e da bravura do sujeito que a profere.

Dessa forma, entendemos que o objetivo de toda a pedagogia, que é também antropologia, é fazer o aluno se tornar sujeito e proferir sua palavra e, para que isso aconteça, é necessário que ele tenha disciplinamento. Utilizando-se da organização, da disciplina, o sujeito percorre um caminho e passa a ter consciência de si e do mundo, alcançando a subjetivação, a qual se faz fundamental para que haja autoria, pois, autor é o sujeito quando fala e escreve.

Para proporcionar ao aluno um espaço acolhedor e que também o faça entender as necessidades de seguir determinadas regras, é necessário que os educadores estejam dispostos a criar boas conexões através de atenção e empatia. Muitas vezes nos é demandado muito mais do que podemos doar, porém entendemos o quanto é importante ser humano perante nossos alunos. Não raro, a realidade do aluno é muito dura: pais ausentes, falta de recursos, de carinho e até mesmo de inspiração. Tais carências os estudantes acabam buscando suprir com o professor, um adulto referência com quem convivem quase que diariamente.

Quando é alcançado o respeito entre professor e alunos, a relação se torna mais espontânea e, conseqüentemente, perde-se um pouco do receio de trazer à superfície os pensamentos que estão guardados. Nesse momento, o sujeito diz sua palavra e se torna autor. Após ajudarmos a tornar nossos alunos sujeitos e autores de suas palavras, eles levarão à produção textual a sua subjetividade, utilizando-se de estilos próprios para externar seus pensamentos. É sempre importante que haja um interlocutor para além do professor, de modo que o estudante saiba que sua produção tem um propósito real e não encare como algo sem sentido e destino.

Muitas vezes os professores dão um molde ao aluno e esperam que ele devolva um produto perfeitamente igual; contudo, quando isso não acontece, pode haver desapontamento e até repressão por parte do docente. No entanto, como citado anteriormente, cada sujeito tem sua bagagem e, principalmente em uma produção de texto,

é difícil se desconectar de lembranças e de crenças, portanto, é mister que exista abertura e diálogo entre as partes para que se possa resolver da melhor forma possível a tarefa solicitada. Que o aluno esteja aberto a entender o disciplinamento necessário e que o professor não deixe que se apague a marca do sujeito autor.

Antigamente a escola rejeitava os alunos violentos, e, além disso, a repressão por parte do professor era tanta que os alunos se submetiam e não ousavam transgredir as normas. Atualmente a escola é o espaço que deve acolher e tentar ajudar os que apresentam algum tipo de problema comportamental, ou eles acabarão na prisão. Além disso, é um ambiente muito mais democrático e, para seguir sendo, devemos desconsiderar argumentos que defendem o passado de extrema hierarquia e segregação. Estamos em transição, tentando aprender como manter certa autoridade sem deixar de ver o aluno como ser humano vulnerável que precisa desenvolver seu lado socioemocional e aprender a necessidade de respeitar as regras. Muitas crianças se sentem rejeitadas de uma forma geral, inclusive na escola, o que motiva a indisciplina. Nesses momentos o professor deve ser benevolente, compreensivo, e tratar, também, das normas que foram corrompidas.

3. COMO OS EDUCADORES LIDAM COM A QUESTÃO DA DISCIPLINA/INDISCIPLINA

Para repensar as atitudes relacionadas à questão disciplinar na escola, é necessário saber de que forma os educadores estão agindo, quais suas ideologias e como elas são colocadas em prática. Com tal finalidade, neste capítulo, busco averiguar a visão e a prática de professores e coordenadores pedagógicos através das respostas ao questionário que apresentarei a seguir. Estes lidam diariamente com problemas de disciplina, tendo que refletir de forma rápida a fim de resolver os impasses que se apresentam antes que a situação seja agravada. Assim, entendo que relacionar as práticas com as concepções teóricas sobre disciplina/indisciplina ajudará na compreensão desse fenômeno e propiciará condições para o encaminhamento de ações que usem a disciplina como elemento constitutivo da construção da subjetividade e da autoria.

Os profissionais questionados foram selecionados pelo seguinte requisito: formados em licenciatura que trabalham em ambiente escolar. O questionário foi enviado a aproximadamente vinte educadores, dos quais apenas dez o responderam. Para que fosse mais confortável e acessível a participação na pesquisa, esta foi respondida via e-mail, possibilitando que licenciados de outras cidades e estados colaborassem. Dentre as dez entrevistas concedidas, constatei os seguintes dados:

- a. Quanto à(s) instituição(ões) onde atua/atuou: 4 professores apenas na rede pública; 3 professores apenas na rede privada e 3 em ambas.
- b. Quanto ao tempo de atuação: de 3 meses a 26 anos de licenciatura.
- c. Quanto à localização: 1 professor de São Paulo capital; 7 do Rio Grande do Sul (6 do interior e 1 da capital) e 1 do interior de Goiás.
- d. Quanto à formação acadêmica: 4 formados em Pedagogia; 1 em Letras; 3 em História; 1 em Artes e 1 em Matemática.

As respostas obtidas (vide anexo) foram analisadas comparativamente. Por exemplo, li primeiramente todas as respostas à primeira questão, em seguida todas as respostas à segunda questão, e assim sucessivamente. Dessa forma, pude observar as semelhanças e diferenças entre o pensamento de um respondente e outro e também analisar se havia alguma relação com o fato de trabalhar em escola pública ou privada.

As seguintes perguntas foram pensadas com a intenção de, como dito anteriormente, conhecer os pensamentos e atitudes dos educadores e refletir sobre esse fenômeno que vem interferindo no processo de ensino e aprendizagem:

1. Como você trabalha a disciplina/indisciplina?
2. O que você considera como indisciplina?
3. Como você lida com esse tipo de atitude?
4. As turmas com as quais trabalha são disciplinadas?
5. O que você acha que faz o aluno se tornar indisciplinado?
6. Você acha que o aluno disciplinado é menos autônomo? E o indisciplinado mais autônomo?
7. O aluno pode ser disciplinado e ser sujeito, ou seja, ter consciência do outro, de si e do mundo?

Com a primeira questão, busco compreender de que forma é trabalhada a disciplina e a indisciplina no ambiente escolar, ou seja, desejo saber se a escola e os professores abordam o assunto, se discutem com os alunos tais concepções e como são aplicadas neste espaço. Na segunda e na terceira perguntas, quero descobrir que atitudes o professor julga indisciplinadas e como ele as resolve. A quarta questão tem a intenção de depreender a visão que o educador tem dos grupos com que trabalha. Espero, nas respostas à questão cinco, encontrar os motivos que são percebidos pelos profissionais da educação como responsáveis pelos atos indisciplinados. Na sexta questão, lanço a relação entre disciplina e autonomia, esperando que os respondentes também esclareçam seus pontos de vista. Ao final, questiono acerca da relação entre disciplina e sujeito.

Através das respostas à primeira pergunta, obtidas durante a pesquisa, constatei que em alguns casos os docentes não trabalham o tema disciplina/indisciplina com seus alunos, apenas o debatem quando ocorre algo relacionado a isso. Por outro lado, alguns professores afirmaram conversar com a turma sobre o tema antes de acontecer alguma atitude indisciplinada. Em diversas respostas, encontrei alusões à criação conjunta das regras ou ao uso claro das mesmas, em que o diálogo proporciona entendimento e consentimento entre o grupo e o professor. A seguir um trecho da resposta de um professor graduado em Letras e pós-graduado em psicopedagogia: “A disciplina é algo que se cria através de um trabalho comprometido, com regras claras e precisas e jamais pode ser entendida como algo mecânico ou automático”. Ou seja, o regramento deve ser claro e

exclusivo, direcionado àquele grupo, criado para atender às suas necessidades. Os dados não revelam se o professor trabalha com os alunos as razões pelas quais a disciplina deve ser vista como uma conquista que beneficia a sociedade no seu processo de desenvolvimento.

Analisando o que os professores julgam como atos de indisciplina, encontrei na maioria das respostas proposições como a que segue: “Indisciplina é uma série de atitudes que desrespeitam as regras combinadas em grupo. Quando um estudante não reconhece as regras essenciais para a convivência, passando a prejudicar a turma e seu próprio rendimento”. Assim, percebemos que, para além da teoria, o não reconhecimento das regras influencia de modo negativo nas atitudes dos estudantes e isso é percebido pelos educadores. Também são consideradas atitudes indisciplinadas condutas disruptivas como perturbar o desenvolvimento das atividades, a desorganização do método de estudos, conversar, jogar bolinhas de papel nos colegas, gritar, correr em sala de aula, manter-se em pé. O aluno que assim age sinaliza o não entendimento das regras que visam manter a boa convivência entre todos em sala de aula. Significa, em última análise, o desconhecimento (ou o desrespeito) do direito do outro.

Saber lidar com a indisciplina e resolver suas ocorrências em sala de aula é algo delicado, que demanda conhecimento e reflexão por parte do professor. A seguinte passagem faz uma observação importante, que apareceu também em outras respostas: “Cada caso é um caso e, na maioria das vezes, há outros problemas que estão por trás dela”. São muitos os fatores capazes de levar o aluno a agir de forma indisciplinada, desrespeitando as regras e os colegas: além da não apreensão, também há os problemas familiares e psicológicos. Parrat-Dayán constata que esse tipo de ação pode significar um pedido de atenção e reconhecimento, sentimentos que estão em falta em outro âmbito.

A solução que muitos professores encontram é o diálogo. Levar o aluno a um local mais reservado e conversar, olhando nos seus olhos, reprovando a atitude e ao mesmo tempo questionando os porquês de agir de tal forma. Outros optam pelo discurso frente a todo o grupo, buscando a conscientização. Dois dos professores ressaltaram a necessidade de, após a conversa, aplicar sanções. Nesse caso, é importante lembrar que a sanção, da qual tratam os autores Parrat-Dayán⁵ e Faure⁶, deve ser direcionada especificamente ao

⁵ Em seu livro *Como enfrentar a indisciplina na escola*.

⁶ Na obra *Educar sem punições nem recompensas*.

fato ocorrido, ou seja, não deve ser, de forma alguma, desconexa. Se o castigo aplicado não se relacionar ao acontecimento, o aluno não estará aprendendo com seu erro; ao contrário, ao não entender, interpretará as regras como absurdas ou descabidas e tentará burlá-las para, na sua visão, preservar sua autonomia ou se revoltará com a sanção.

Os motivos que levam o aluno a ser indisciplinado são de grande interesse, uma vez que, descobrindo a origem do problema, é mais fácil refletir sobre e elaborar maneiras de intervir nas atitudes deste estudante. Mais da metade dos respondentes entende que questões relacionadas à família provocam grande parte dos eventos de indisciplina. Problemas de convivência com os parentes, violência, falta de atenção por parte dos pais, influências negativas (pais ou irmãos traficantes, assaltantes) são situações que levam o sujeito a um nível elevado de estresse, além de serem causadoras de problemas psicológicos, o que se reflete no ambiente escolar. Em segundo lugar aparecem questões ligadas à falta de limites, ou seja, há liberdade excessiva, que coloca em risco o espaço do outro, ponto do qual estive tratando desde o começo deste estudo. Outra causa indicada pelos professores é o desinteresse pela matéria e pelo ambiente escolar em geral. Quanto a isso, sabemos que não é tão comum que um aluno se interesse por todas as áreas, então, temos de nos preocupar em estar sempre buscando esse estudante para a aula, bem como pensando nele na hora de elaborá-la.

As respostas à sexta questão me surpreenderam, de certa forma, e positivamente. Deparei-me com percepções bastante humanas, o que me proporcionou conforto e esperança no que diz respeito ao espaço escolar como formador de sujeitos. Uma das professoras questionadas afirmou que o aluno disciplinado é, sim, autônomo, uma vez que “deve expressar seus desejos e sentimentos, ainda que sem perturbar a ordem ou o espaço que divide com os demais”. A expressão dos pensamentos, das vontades, como sabemos, é autonomia, e ela deve andar de mãos dadas com a disciplina, a fim de não ferir o outro ao se manifestar. Uma das respondentes, mestra em educação (C.P.), replicou da seguinte forma: “O aluno disciplinado tem maior facilidade de exercer sua autonomia, pois a ordem e a organização do meio o auxilia a ter maior segurança ao realizar diferentes tarefas” proposição que corrobora a ideia de que a disciplina contribui para a formação do sujeito ao viabilizar a autonomia.

Seguindo, ainda, a mesma linha de pensamento, outra professora (M.I.) ressalta que disciplina e liberdade não são antônimos e pensa a primeira como a estrutura na qual o

indivíduo organiza seus estudos, o que, segundo ela, um aluno indisciplinado seria incapaz de fazer. Em contrapartida, a professora L.B. defende que este aluno pode ser autônomo, uma vez que não é passivo e tenta batalhar por seus objetivos. No entanto, é necessário pensar a autonomia como algo além da atitude do ser, porque ele deve se assumir de forma racional, entendendo o que faz, como faz e por que faz. Precisamos estar abertos a compreender que o entendimento das regras pode estar sendo construído e que fatores externos à escola também determinam a atividade ou passividade do aluno, se ele é submisso ou disciplinado e autônomo. O indivíduo indisciplinado deve ser colocado no caminho do regramento para, no momento em que entender as normas e suas vantagens, tornar-se sujeito e lutar com razão e sabedoria pelas causas que lhe interessam.

A última pergunta, que questiona a relação entre ser disciplinado e ser sujeito, fez surgirem pontos distintos nas respostas recebidas. Uma das respondentes (B.G) tocou em um tópico significativo já mencionado anteriormente: “Não é desejável que um estudante respeite ordens injustas” o que acontece muitas vezes nas escolas, em que o aluno sente que é o único com deveres a serem cumpridos. Geralmente, nessas situações, o estudante acredita que o docente apenas tem direitos, enxergando-o em uma posição privilegiada. É importante que a escola ensine não só pela enunciação, mas sobretudo pela visibilidade, de tal maneira que o aluno perceba que, na escola, o sistema de regras é um sistema de ordenamento interpessoal e, como tal, é coerente, justo e equânime.

Colocação interessante fez a respondente C.P. ao defender que “Não podemos cair no senso comum de entender disciplina como algo militarizado”, apontando, em seguida, que a disciplina, por gerar organização, confere segurança na realização dos atos dos discentes. Usufruir dos estatutos é uma boa forma de assegurar o próprio bem-estar e de respeitar as fronteiras, sabendo, também, como atravessá-las de forma cautelosa e efetiva, o que está diretamente associado à consciência que o sujeito tem de si, do outro e do mundo. A seguinte afirmação nos reflete o pensamento anteriormente referido: “O aluno disciplinado torna-se mais suscetível a expandir seus pensamentos” (M.I) pois apenas somos capazes de ampliar nossos pontos de vista se formos sujeitos, se respeitarmos o outro e os seus limites.

Os docentes vivenciam a disciplina e a indisciplina com frequência nos ambientes escolares onde trabalham, por isso é imprescindível buscar saber o que eles têm a dizer sobre o tema, afinal sabemos que a teoria apenas faz sentido ao andar de mãos dadas com a

prática. Os relatos aqui expostos são os alicerces para a estruturação de uma escola que vise formar sujeitos, cidadãos soberanos e disciplinados, capazes de entender os benefícios de diversos de seus deveres na sociedade. A escola replica variados episódios do corpo social que existe fora dela. É neste espaço que o indivíduo começa a se relacionar com outros, ali é onde aprende a conviver e onde deve aprender o respeito e suas vantagens, tanto para si quanto para o colega.

Logo, para este estudo, não poderia ignorar as evidências empíricas das quais ouvimos falar, as quais vivemos na escola e observamos quando entramos, como professores, em sala de aula. Acredito que as experiências agregam um valor ímpar à construção da instituição escolar como formadora de sujeitos disciplinados e ativos positivamente na sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho busquei refletir sobre a importância, no ambiente escolar, da compreensão do processo de ordenamento e como essa percepção pode auxiliar na formação do sujeito autônomo e autor, não apenas para a sala de aula, mas para a vida. Conjuntamente, tratei das relações entre docentes e discentes, buscando ressaltar a relevância, visando a autonomia e a autoria, de um ensino em que o objeto não determine o sujeito, mas sim o contrário.

A palavra *disciplina* comumente nos remete a algo negativo, à submissão. Entretanto, precisamos entender o benefício comum que trazem os regulamentos, pois sem eles nada funcionaríamos, viveríamos no caos, sem perspectiva de sucesso e até mesmo de sobrevivência. Sem regras a humanidade teria se extinguido através de guerras, em que os mais fortes teriam eliminado os mais fracos, ou seja, a barbárie teria vencido a civilização; sem regras o conhecimento não teria avançado, as descobertas não teriam acontecido, a humanidade teria sucumbido diante das doenças e da fome. A escola, como instituição educadora, precisa se envolver nessa compreensão e levá-la aos alunos, fazendo-os refletir sobre o assunto.

Este trabalho, ao apresentar as reflexões teóricas de importantes pensadores da educação na atualidade, como Sylvia Parrat-Dayán e Jean-Philippe Faure, que defendem um método de ensino equilibrado entre a necessidade dos regulamentos e a subjetividade na relação entre professor e alunos, buscou entender o fenômeno da disciplina/indisciplina no ambiente escolar e ajudar no seu encaminhamento visando a formação do sujeito autônomo.

Para tanto, foi fundamental a investigação feita junto aos docentes, a fim de apresentar dados da realidade empírica e melhor compreendê-la. Estes dados mostraram que nem todos os educadores e, portanto, escolas, veem a questão da disciplina como premente e como conteúdo de ensino, isto é, como parte do currículo escolar. Pude verificar que os professores apenas lidam com o tema quando ele surge através de problemas ocasionados pelos alunos. Com isso, é possível perceber que falta preparo para lidar com tais situações, afinal o tema pouco é abordado durante a formação dos licenciados, além de não haver espaço necessário nas escolas para a divulgação de e a reflexão sobre informações úteis para essas ocasiões.

Fernando Savater, em entrevista⁷ concedida recentemente ao jornal Estadão, resume de forma consistente o tema abordado neste trabalho: "As escolas devem ser sempre abertas à liberdade de escolha. Com método, com disciplina. Paradoxalmente, na educação, liberdade e autonomia são frutos da disciplina". O autor, ao colocar o método e a disciplina como componentes aliados à liberdade de escolha, está tratando das regras de conhecimento e de procedimento e esclarecendo o papel delas na formação de um sujeito soberano, o qual, a partir disso, será autor.

Assim, a escola enquanto instituição formadora de sujeitos deve se apropriar da disciplina e da autoria para alcançar a afirmação do sujeito e de sua subjetividade. O aluno deve encontrar na escola um espaço que possibilite a assunção de seus pensamentos, através da consciência dos regramentos, do entendimento das normas que baseiam todas as relações sociais e humanas.

⁷ Entrevista disponível no link: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,mente-aberta,10000000983>

5. REFERÊNCIAS

ESTADÃO. Fernando Savater. **Mente Aberta**. 2015. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,mente-aberta,10000000983>>. Acesso em: 31 out. 2015

FAURE, Jean-Philippe. **Educar sem punições nem recompensas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FIORI, Ernani M. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 5-11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GESTÃO ESCOLAR. Silvia Parrat-dayan. **Silvia Parrat-Dayan fala sobre indisciplina na escola**. 2011. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/comunidade/silvia-parrat-dayan-fala-indisciplina-escola-623809.shtml>>. Acesso em: 25 set. 2015.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2012.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

SAVATER, Fernando. **El valor de educar**. 2. ed. Barcelona: Ariel, 1997.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

XAVIER, Agatha. **Que pena, essa turma é muito agitada: problematizando o fenômeno da indisciplina e da agitação em sala de aula**. 2013. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, UFRGS, Porto Alegre, 2013

6. ANEXO

- A.S.

Formação: licenciatura em Pedagogia.

Atuação: rede privada há três anos.

1. Entre os desafios que o professor encontra em sala de aula o maior deles, provavelmente, é conquistar a turma, criar condições para que todos aprendam controlando a indisciplina. Falar de indisciplina sem pensar em autoridade é quase missão impossível. Trabalhar a autoridade requer afastar-se do autoritarismo onde o professor deixa de ser respeitado pela turma e passa a ser temido. Dizer "não faça isso", ameaçar e castigar são atitudes inúteis. Os alunos precisam aprender a noção de limite e isso só ocorre quando ele percebe que há direitos e deveres para todos, sem exceção. Com crianças pequenas "os combinados" feitos no começo do ano costumam ter bons resultados.

2. A indisciplina ocorre quando os combinados em sala de aula entre o professor e os alunos não é respeitado.

3. Lidar com essas situações não exige fórmulas prontas, um bom caminho é discutir o caso com os envolvidos e aplicar sanções relacionadas ao ato em questão.

4. Os alunos que trabalho atualmente estão no 1º ano do fundamental I, antiga 1ª série. Eles são bem disciplinados, respeitam os combinados que fizemos no primeiro dia de aula. Quando ocorrem situações onde um ou mais desrespeita os combinados, eles mesmos lembram os colegas. E todas as questões de desrespeito com os combinados, com os colegas ou com os professores é discutido na roda de conversa que ocorre sempre que necessário.

5. De maneira geral, as escolas consideram rebeldia as transgressões às regras de convivência ou a não adequação a um modelo ideal seja em relação ao ritmo de aprendizagem seja em relação ao comportamento. O primeiro passo é tomar consciência de que a inquietação é inerente à idade e faz parte do processo de desenvolvimento e de busca do conhecimento.

6. Os problemas de comportamento podem ser um jeito da criança mostrar ao professor que uma regra é desnecessária ou não está funcionando. Em outras situações, ela espera chamar a atenção para atrair o olhar e interesse do professor pelas ideias dela. Convivendo

num ambiente em que atitudes como essas sejam o padrão, a criança vai, aos poucos, adquirindo autonomia e ficando mais apta a tomar decisões responsáveis.

7. A indisciplina é uma das maneiras que as crianças e os adolescentes têm de comunicar que algo não vai bem. Por trás de uma indisciplina pode estar problemas psíquicos ou familiares. Ou um aviso de que a criança não está integrada ao processo de ensino e aprendizagem. Só após verificar essas questões é que a criança seja capaz de compreender que na sociedade que vive sempre haverá regras a serem seguidas para respeitar o outro e ele mesmo.

- A.B.

Formação: Licenciatura em Artes Visuais;

Atuação: ensino fundamental em escola pública há dois anos.

1. Trabalho a indisciplina, primeiramente, conversando com o aluno, buscando estratégia para resolver o problema.
2. O momento em que o aluno perturba o desenvolvimento das atividades em sala de aula.
3. Quando é impossível contornar a situação, o aluno é encaminhado para a coordenação pedagogia
4. Sim, boa parte das turmas são disciplinadas.
5. Problemas familiares, desinteresse pelos conteúdos ministrados limites e doenças.
6. Não, penso que não é possível generalizar.
7. O adolescente é egocêntrico e imaturo, ele está se desenvolvendo, muitas vezes até próximo a idade adulta, nessa fase ele vai adquirir consciência do outro e de si mesmo.

- B.G

Formação: licenciatura em História;

Atuação: auxiliar de desenvolvimento infantil em escola privada.

1. É possível trabalhar a disciplina através de estratégias que indiretamente exijam concentração e disciplina, como o xadrez e demais jogos. Para realizar tais atividades é necessário aguardar a sua vez, aceitar derrotas e respeitar o próximo. Para que haja disciplina é necessário que as regras sejam compreendidas e consentidas pela turma.
2. Indisciplina é uma série de atitudes que desrespeitam as regras combinadas em grupo. Quando um estudante não reconhece as regras essenciais para a convivência, passando a prejudicar a turma e seu próprio rendimento.
3. Na educação infantil, é necessário esclarecer e relembrar as regras com frequência. Quando alguém esquece as regras e acaba brigando com o colega ou não querendo dividir os jogos, as professoras pedem que essa criança largue os brinquedos e fique observando como se brinca e se conversa com respeito, para depois voltar a brincar. No Ensino Médio a realidade é distinta, já que se tratam de turmas de adolescentes que agem com autonomia e respeito ao ambiente escolar.
4. Na escola de educação infantil, trabalho com crianças de 4 a 5 anos, que estão aprendendo a viver e conviver em comunidade e, salvo algumas exceções de caso clínico, são alunos disciplinados, que se organizam sozinhos e respeitam os colegas e professoras. No Ensino Médio, trabalho com alunos disciplinados e colaborativos.
5. Muitas vezes a falta de organização familiar, a insegurança e a auto estima baixa, levam um estudante a anular-se e até contrariar seus pais e professores, pessoas que exigem muito de seu empenho. Às vezes a falta de identificação ou participação nas regras impostas, leva o estudante a contestá-las.
6. Penso que um aluno disciplinado deve ser autônomo, pois deve expressar seus desejos e sentimentos, ainda que sem perturbar a ordem ou o espaço que divide com os demais. Já um aluno indisciplinado, que muitas vezes o é por falta de motivações, acaba por agir muitas vezes por impulso ou para provocar reações nos colegas e professoras e professores. Portanto, é necessário equilibrar as relações de autonomia.
7. Não é desejável que um estudante respeite a ordens injustas. O aluno pode ser disciplinado e, ainda assim, agir no meio em que vive. A organização e disciplina não podem impedir o estudante de ser colaborativo na comunidade escolar.

- B.P:

Formação: licenciatura e pós-graduação em Matemática;

Atuação: ensino fundamental séries finais e ensino médio, em escolas públicas e privadas, há 26 anos.

1. Na medida do possível sempre com conversa.
2. Falta de respeito, agressões verbais.
3. Com conversa.
4. A realidade das escolas que eu trabalho, quase não enfrento problemas maiores quanto a este aspecto.
5. O desinteresse.
6. Não concordo.
7. Com certeza.

- C.P:

Formação: licenciatura em Pedagogia e mestrado em Educação;

Atuação: ensino fundamental séries iniciais, em escolas públicas e privadas, há três anos.

1. Costumo realizar intervenções através de diálogos (individuais/ pequenos grupos) ou assembleias (turma/ todos os alunos), procurando compreender a origem e possíveis causas das atitudes indisciplinadas. Quando necessário, solicito apoio da orientadora educacional, coordenadora e familiares dos alunos envolvidos, de modo a procurar estratégias coletivas para a situação.
2. Considero indisciplina as atitudes que interferem numa conduta adequada ao bom convívio social e/ou que tragam algum prejuízo moral, ético ou material.
3. Considerando meu trabalho docente com crianças, penso que é um processo de aprendizagem que deve ser bem trabalhado de forma a garantir uma reflexão das atitudes dos alunos e suas influências com o outro e com o meio social em que vivem. É necessário

compreender que estão em processo de maturação, amadurecimento, de modo que suas atitudes devem ser refletidas e não meramente julgadas.

4. De modo geral, sim. As ocorrências de indisciplina geralmente são pontuais e envolvem alunos que estão passando por algum problema familiar.

5. Os fatores são variados, ficando difícil uma definição para tal. De acordo com a experiência docente que possuo, pude observar que os casos de indisciplina com os quais tive que lidar tiveram origem familiar. Alunos com problemas em casa acabaram tendo atitudes inadequadas no ambiente escolar, refletindo assim alguma insatisfação com o seu momento de vida.

6. Bem pelo contrário. O aluno disciplinado tem maior facilidade de exercer sua autonomia, pois a ordem e a organização do meio o auxilia a ter maior segurança ao realizar diferentes tarefas. O aluno indisciplinado revela uma desorganização interior, no próprio ser. Ao ter atitudes indisciplinadas, busca um olhar do outro, mesmo que de reprovação. Depende da opinião do outro para continuar agindo.

7. Certamente. A disciplina contribui com a formação do ser. Não podemos cair no senso comum de entender disciplina como algo militarizado. Disciplina gera organização, e esta, segurança na realização dos atos.

- L.B.

Formação: licenciatura em Letras e mestrado em Psicopedagogia;

Atuação: ensino fundamental e médio, em escola pública, há 25 anos. Atualmente dirige a escola.

1. A disciplina é algo que se cria através de um trabalho comprometido, com regras claras e precisas e jamais pode ser entendida como algo mecânico ou automático. Existem os alunos que se adaptam facilmente ao que se quer dentro de uma escola e outros sequer entendem o que se quer porque foram acostumados a não ter regras em suas vidas. Estes, por sua vez, procuram agir de acordo com seus instintos ou vontades e dificilmente se comportarão adequadamente num ambiente social onde cada indivíduo deve respeitar o outro, independentemente de sua opinião. São os indisciplinados.

2. Como mencionei anteriormente, indisciplina é um ato de rebeldia ou de não aceitação do que seria visto como normal ou socialmente correto. Trata-se de uma espécie de desrespeito a regras instituídas por alguém.

3. É preciso ter muito “jogo de cintura” para lidar com situações de indisciplina. Cada caso é um caso e, na maioria das vezes, há outros problemas que estão por trás dela. Funciona como uma espécie de mecanismo de defesa, de mostrar certo poder para chamar a atenção de quem está por perto, e, no caso da sala de aula, o professor.

4. Como estou na parte da coordenação pedagógica atualmente, percebo que existem muitos casos de indisciplina sim, mas os de disciplina são muito maiores. Então precisamos ter muita paciência e ao mesmo tempo atitudes firmes e que não resultem somente em repreensão.

5. A maioria dos casos é de alunos com baixa autoestima e em situação social vulnerável. Muitos deles vêm de famílias que não dão a mínima atenção aos filhos nem no sentido de ensinar a ter um comportamento sociável e de respeito. Outros, cujos pais tentam preencher o vazio com presentes ou bens materiais e, o que realmente esses filhos necessitam é de atenção e carinho. E, é na escola que estouram as principais revelações dessa carência porque é ali que estão reunidos com vários colegas e professores que têm o tempo disponível para estar com eles. Então, muitas vezes o professor precisa deixar a sua aula de lado para dar atenção, carinho e, principalmente, ensinar noções básicas de sobrevivência em grupo.

6. Não acredito nisso porque o indisciplinado também aprende a brigar pelas coisas. E não aceitando facilmente as coisas adquire o hábito de batalhar pelo que quer, ou seja, não se revela tão passivo quanto o aluno certinho, comportadinho ou disciplinado. Aí que entra a dificuldade do professor em aceitar essas diferenças e evitar bater de frente com o aluno indisciplinado.

7. O disciplinado pode ser mais egoísta, mais propenso a ser tão correto que aceitará a opinião de outros com certa dificuldade. Consequentemente terá uma visão de mundo mais fechada, mais restrita. Dificilmente estará brigando por alguma coisa porque pensa que isso pode ser uma transgressão. Nesse caso, nem sempre é bom ser completamente disciplinado. Como toda a regra tem sua exceção, é preciso olhar com olhos atentos e humanos para entender e encaminhar cada caso da melhor maneira possível.

- L.G

Formação: licenciatura em Pedagogia e pós-graduação em AEE, Orientação educacional e Supervisão escolar.

Atuação: ensino fundamental, em escola pública, há sete anos.

1. Procuo sempre no início do ano letivo fazer algumas combinações e acordos com os alunos que deverão ser cumpridos durante o ano. Como a comunidade em que trabalho é muito carente, busco através do afeto acolher a todos mostrando a importância de saber conviver e respeitar uns aos outros.
2. Falta de limites, agressividade, desrespeito...
3. Observo e tento me aproximar do aluno para saber o que está levando ele a ter determinadas atitudes de indisciplina.
4. Na escola que trabalho lidamos com realidades bem difíceis. Muitos são filhos de usuários de drogas, traficantes, prostitutas...A maior dificuldade é participação da família na escola o que justifica os inúmeros casos de indisciplina na escola. Na verdade os professores acabam exercendo a função de pai, mãe, psicólogo e criar estratégias para resolver os conflitos e lidar com indisciplina escolar.
5. A falta de atenção, limites e ausência da família na escola.
6. Depende, muitos são disciplinados e autônomos, até porque o mundo de hoje exige isso. Penso que ambos exercem a autonomia de acordo com as condições em que vivem.
7. Sim. Penso que lidamos com a diversidade em sala de aula e o aluno pode ser disciplinado e ser sujeito. É importante salientar que não podemos isolar os disciplinados dos indisciplinados. Ao contrário, devemos criar estratégias para envolve-los com atividades em grupos para que ambos aprendam uns com os outros.

- M.I

Formação: licenciatura em História.

Atuação: três anos em bolsa de iniciação à docência e seis meses em escola privada.

1. Como você trabalha a disciplina/indisciplina? Normalmente busco explicar a metodologia da aula, pois considero “surpresinhas” muito injustas e, caso eu seja questionada pelas minhas posições, posso me respaldar nesta organização. Portanto, com

essas explicações explico o que espero dos meus alunos (disciplina) e o limite que eles não poderiam ultrapassar (indisciplina);

2. O que você considera como indisciplina? Desrespeito com as pessoas e desorganização total do método individual de estudos;

3. Como você lida com esse tipo de atitude? No primeiro caso é a famosa “viver em sociedade”, pois sua liberdade não pode agredir o outro. No segundo caso a dica está na palavra “total”, ora se um aluno não presta a atenção em explicações, não desenvolve exercícios ou leituras demonstra que não possui nenhuma organização individual para estruturar a forma como adquire conhecimentos.

4. As turmas com as quais trabalha são disciplinadas? No geral sim. Mesmo com as turmas que ocorrem mais incidências do que eu aponto como indisciplina, minha organização metodológica parece ser satisfatória.

5. O que você acha que faz o aluno se tornar indisciplinado? Acredito que são vários fatores. O que mais tenho percebido é a descrença da sociedade na educação, tornando assim os alunos descrentes também.

6. Você acha que o aluno disciplinado é menos autônomo? E o indisciplinado mais autônomo? Não. Disciplina não é antônimo de liberdade. Como considero disciplina a estrutura que o indivíduo encontra para organizar seus estudos, dentro desse contexto o indisciplinado nem se aproximaria de qualquer autonomia intelectual.

7. O aluno pode ser disciplinado e ser sujeito, ou seja, ter consciência do outro, de si e do mundo? Claro que sim. Acredito que não necessito discorrer muito nesta pergunta, pois trata-se do que defendo como disciplina. O aluno disciplinado torna-se mais suscetível a expandir seus pensamentos.

- M.B.

Formação: licenciatura em Pedagogia.

Atuação: área de psicopedagogia

1. Trabalhar, tanto a disciplina quanto a indisciplina requer uma visão do que é vigiar e punir – a punição deve ser aplicada (muitas formas existem e funcionam – mas é preciso descobrir como “eles funcionam” para aplicá-las). Nos dias atuais o diálogo é fundamental, porém a conversa deve ser firme e que se estabeleça limites e deveres – papel de aluno e papel de educador. Com as crianças as combinações são importantes e funcionam, com os

adolescentes há de se ter uma empatia para que eles possam confiar e realizar o que é pedido. Claro que as regras devem ser cobradas sempre, e jamais prometa algo que não seja cumprido.

2. Indisciplina, para mim, é tudo que foge à ordem normal que estabelece o bom funcionamento de qualquer sociedade e ou instituição. Falta de respeito às pessoas e às regras.

3. É necessário respirar fundo muitas vezes, pois os jovens nos testam a todo momento. Importante é ser firme, falar com clareza o que pode e o que não pode, com os menores costume ficar da altura deles, olhar nos olhos e falar sobre o assunto, muita conversa com eles não funciona. Dar muita relevância também não, mas mostrar desagrado com atitudes negativas é um bom caminho. Já com os maiores a conversa funciona quando ela é profunda – a conscientização através da conversa ainda é o melhor caminho.

4. Digamos que sim e não, pois há vários fatores que envolvem a disciplina e a indisciplina, e como você conceitua isso – as conversas dentro da sala quando produtivas devem ser vistas de outra forma – comunicação é expressão. Mas quando a maioria tenta burlar as regras, tanto de convivência (desrespeito) quanto à parte cognitiva (entrega de trabalhos, etc) já é indisciplina, mas é importante ter paciência e não desistir nunca, sempre falar e cobrar, vigiar e punir quando necessário, pois não deixa de ser um processo de repetição diária.

5. A falta de limites, o não aceitar “nãos e frustrações”, a falta de humildade, o egocentrismo não trabalhado de forma adequada e principalmente a imaturidade.

6. Ao meu ver sim, o aluno indisciplinado - não que ele seja ruim ou deixe de ter responsabilidade (entra qualquer tipo de “indisciplina” - não ter horário para dormir, por exemplo – se der conta no dia seguinte – é uma pessoa madura e autônoma, vai saber que tem consequências pela frente) – ele resolve seus problemas de forma mais autônoma. Verifico isso em várias situações.

7. Certamente que sim. E isso depende da forma que foi ensinado, de suas vivências, do respeito ao outro, dos exemplos que tem em casa, na escola e na sociedade.

- M.L.

Formação: Licenciatura em História

Atuação: Ensino fundamental e ensino médio em rede privada; pré-vestibular popular.

1. No início do ano, converso com as minhas turmas e estabelecemos o que é permitido e o que não em sala de aula. Esclareço os benefícios e as sanções. O que eu aceito na sala e o que eu não aceito.
2. Conversar enquanto explico o conteúdo; atirar giz de cera, borracha, bolinhas de papel; apelidos e xingamentos; manter-se em pé a maior parte da aula; gritar e correr em sala; sair sem autorização;
3. Levo a criança para fora da sala, converso sobre a atitude errada e as sanções que podem ocorrer caso as repita. Caso necessário, mando bilhete para os pais ou envio para responder o questionário socioeducativo na coordenação. Em casos mais difíceis, solicito a presença dos pais na escola.
4. Sim. Principalmente o 6º ano, que passa pela transição da primeira fase para a segunda do Ensino Fundamental e acreditam que são ‘adultos’ e podem fazer tudo o que quiserem.
5. Alienação parental, carência afetiva, isolamento (quando os colegas não gostam da criança) ou necessidade de parecer com os ‘amigos’.
6. Não. Às vezes a criança indisciplinada age para se assemelhar com as crianças ‘legais’. A indisciplinada é uma quebra do padrão exigido em sala de aula e quebrar regras parece divertido, principalmente durante a adolescência.
7. Sim. A disciplina está diretamente ligada ao respeito. A criança que respeita ao colega, respeita primeiramente a si.